

REPRESENTAÇÃO DE CORPO NA VELHICE: O CORPO REAL VERSUS O CORPO SOCIAL

Renata Venturini Tomazetti¹

Marco Aurelio de Figueiredo Acosta²

Resumo

Esta pesquisa se baseia na Teoria das Representações Sociais. As representações implicam e, ao mesmo tempo, constroem saberes sociais. Destaca-se que a sociedade atual propõe uma imagem de corpo voltada a beleza e a juventude. Busca-se com este estudo, questionar e analisar a população idosa no que diz respeito a como eles vivem em relação a seus corpos na velhice. Com o intuito de causar impacto nessa tirania de culto ao corpo perfeito. Os objetivos foram analisar as representações de corpo na velhice e observar se há diferença dessas representações entre os gêneros. Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa descritiva. A pesquisa foi realizada com 21 professores aposentados de Nova Palma e Faxinal do Soturno, RS, sendo 14 mulheres e 7 homens com idades entre 60 e 80 anos. Para obter os resultados foi feito com a população alvo uma entrevista individual, com um roteiro de cinco questões. Como resultado verificou-se que para estes idosos é através do corpo que o ser humano impõe seus propósitos sociais e pessoais. Que há uma dedicada preparação psicológica para viver essa fase. Para eles as decadências e transformações são vistas e sentidas, mas não são capazes de abalá-los. As modificações estéticas feitas no corpo são algo supérfluo, que descaracteriza e desvaloriza o ser humano. Observou-se, que para eles há diferenças entre o homem e a mulher na velhice. Entre as diferenças apontadas se destaca a melhor aceitação da velhice pela mulher. Porém, nota-se que eles apresentam pensamentos, comentários, visões e sentimentos em comum. Assim, corpo e tempo se entrecruzam produzindo múltiplas velhices influenciadas não só pela condição de gênero, mas também, pelos contextos sociais, culturais, espirituais, políticos e econômicos.

Palavras-chave: representação, corpo, velhice.

¹Especialista em Atividade Física, Desempenho Motor e Saúde, Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.

²Professor Doutor, Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.

1. INTRODUÇÃO

1.1. Contextualização Inicial

Esta pesquisa se baseia na Teoria das Representações Sociais (TRS). De acordo com Arruda (2002), a partir dos anos 60, com o aumento do interesse pelos fenômenos do domínio do simbólico, vemos florescer a preocupação com explicações para eles, as quais recorrem às noções de consciência e de imaginário. As representações implicam e, ao mesmo tempo, constroem saberes sociais. São formas de conhecimento que circulam nas sociedades orientando comportamentos e condutas (PATRIOTA, 2010).

Para Araujo (2008), as representações sociais são formas de conhecimento socialmente construídas pelos integrantes dos grupos para explicar as relações estabelecidas entre eles, com outros grupos e com a natureza. Isso ocorre mediante o caráter coletivo das idéias, histórias e experiências vividas por um grupo social específico e essa construção vai servir de orientação para a ação social. A função essencial da Representação Social, para aqueles que representam, é tornar aquilo que não é familiar em algo familiar, próximo e prático (PIZZOLATO, S/D).

Destaca-se que a sociedade contemporânea, através da mídia, propõe uma imagem de corpo voltada somente à aparência física, onde o valor da imagem de beleza e juventude tende a ditar modelos estéticos e comportamentais, levando o indivíduo a converter seu corpo num propósito de perfeição, passível de manipulação, um corpo autômato, desvalorizado em sua característica social e suas particularidades.

A proposta é reconhecer o contexto em que esse corpo, idoso hoje e que já foi jovem um dia, seja ele masculino ou feminino, se encontra dentro de um pensamento de caráter bio-social, atrelado à cultura da juventude e da beleza, para refletir sobre a constituição do corpo idoso, no que tange à sua autonomia, aceitação e criatividade.

Justifica-se este estudo devido à sociedade contemporânea apresentar diversas modificações no que se refere a pensamentos e comportamentos de corpos, idades e gêneros, e uma cultura que cada vez mais preza por um corpo admirável, esculpido nos padrões de beleza e estética, e por se enxergar a velhice somente nos outros, se faz necessário então, questionar e analisar a população idosa no que diz respeito a como eles pensam, vêem, sentem, agem e vivem em relação a seus corpos na velhice, associados a questões sociais, culturais, psicológicas, biológicas, etc.. Com o intuito de

causar impacto nessa tirania de culto ao corpo perfeito que presa pela beleza da imagem exterior.

O objetivo geral da pesquisa foi analisar as representações de corpo na velhice. E o objetivo específico foi observar se há diferença dessas representações entre os gêneros (masculino e feminino).

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa descritiva. Pois pretende descrever e conhecer com precisão os fatos que determinam a realidade dos idosos sobre seus corpos. A pesquisa foi realizada com 21 professores aposentados de Nova Palma e Faxinal do Soturno, RS, sendo 14 mulheres e 7 homens com idades entre 60 e 80 anos. A escolha por esse grupo se justifica pelo fato de apresentarem uma maior vivência cultural e envolvimento social, trazendo para o estudo mais riqueza e aprofundamento das questões propostas.

Primeiramente foi feito um levantamento, através de um desses professores que possuía os contatos dos demais. Após verificar quais ainda residiam na cidade de Nova Palma, verificou-se um número pequeno de homens, então se buscou o contato com mais alguns que residiam em Faxinal do Soturno. No decorrer foi realizado o contato por telefone ou pessoalmente informando sobre a pesquisa, esclarecendo seus objetivos e os procedimentos a que seriam submetidos, dentre outras informações, deixando livre a participação voluntária. Com isso, se obteve o número de 21 participantes.

Depois do primeiro contato foi agendada com os interessados uma visita individual em suas residências para ser realizada a entrevista. Concordando em participar do estudo, estas assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Para obter os resultados da pesquisa foi feito com a população alvo uma entrevista individual com um roteiro de cinco questões que se dividem em duas questões fechadas e três abertas, que foram elaboradas pela entrevistadora de acordo com o conteúdo da revisão de literatura do pré - projeto. As respostas foram anotadas pela entrevistadora, e brevemente relatadas e discutidas no contexto do trabalho, relacionando-as à literatura para firmar as ideias em sólida argumentação.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da teoria das representações sociais é possível notar a percepção, observação, formação e constatação de idéias e conceitos dos indivíduos. Para os teóricos das representações sociais essa lógica natural, construída pelo saber leigo, é vista como conhecimento válido e não menos importante ou significativo do que o saber reificado. Porém só tem relevância quando construído pelo senso comum (ARAUJO, 2008).

Segundo Arruda (2002), essa teoria operacionaliza um conceito para trabalhar com o pensamento social em sua dinâmica e em sua diversidade. Ela parte da premissa de que existem formas diferentes de conhecer e de se comunicar, guiadas por objetivos diferentes. A noção de campo da representação implica entendê-la como um campo estruturado de significações, saberes e informações (ARRUDA, 2002). Assim, retrata-se que há diferentes formas de se envelhecer, que carregam consigo diferentes representações de corpo, tanto entre gêneros opostos quanto entre os iguais devido a diferenças sociais e culturais. Na primeira questão fechada mediante a pergunta: “Seu corpo representa um meio de comunicação?”, obteve-se 20 respostas positivas e 01 negativa.

Conforme Kofes (1987) multiplicam-se os discursos sobre o corpo: “Corpo, meio pelo qual se atinge a serenidade, o equilíbrio, uma vida mais longa e mais saudável”. “O corpo é o espaço do prazer”. “Corpo sujeito ou objeto”.

Dessa forma, observou-se que para este grupo de pessoas o corpo representa um meio de comunicação porque é através dele que o ser humano impõe seus propósitos perante a sociedade e em suas relações pessoais, o que é afirmado pela Sra. E: *“Falamos muito para as pessoas através do corpo, tanto pelos gestos ou como nos vestimos isso diz muito de si e interfere em nossas relações”*. E completado pelo Sr. A: *“conforme o vestuário, por exemplo, se tem mais ou menos aceitação pela sociedade, isso reflete bastante e diz muito sobre a pessoa”*. A imagem passa a reger o valor social, refletindo nas relações, na integração e interação dos indivíduos com a sociedade. De acordo com Blessmann (2004), temos um corpo simbólico que resulta das construções sociais e culturais.

Comentam que é por ele que são vistos, analisados, aceitos ou não, transparecem sua cultura, como salienta o Sr. E: *“O italiano se expressa muito com o corpo, até dizem*

que falamos com as mãos”. O que é confirmado por Motta (2002), ao dizer que o ‘gestual humano’, atua como postura do corpo e meio de comunicação instantânea gerando uma forte ação cultural.

Também, transparece sua educação, sua religião, sua profissão, sua personalidade, seu estado de espírito (humor, ansiedade, nervosismo, tristeza, alegria, etc.): “*se tem dia que não estou bem às pessoas notam tranquilamente pela minha fisionomia*” (Sra. I, 63 anos) . O corpo ilustra seu cuidado, ou falta dele, com a saúde e aparência e tudo isso é representado pelo jeito de andar, falar, olhar, se vestir, gesticular, sorrir, se expressar, se portar, agir, pela fisionomia do rosto, pela forma física, enfim o corpo diz muito do que somos e o que queremos e carrega consigo uma forte influência social, conforme dito por Kofes (1989), os corpos expressam o que a sociedade nos corpos escreve.

A posição do ser humano na sociedade é firmada pelas marcas de seu corpo, nele elas se tornam visíveis: ser baixo ou alto, negro ou loiro, magro ou gordo, deficiente, masculino ou feminino, idade, cultura, tradições, e classe social (WAGNER, 2009). Portanto, o que define corpo é o seu significado, é o que ele mostra de si aos outros perante sua personalidade, ele diz respeito à sua capacidade própria, intelectual, criativa e social. O corpo é um acontecimento que se dá além de seus limites físicos.

O envelhecimento é uma fase da vida que se constrói num processo longo, às vezes amargo e às vezes doce, depende de como cada pessoa encara essa fase que é inevitável para todos ou também de como a ambiente influencia positiva ou negativamente esse processo gradativo da vida.

Os grupos sociais possuem regras, ideias e elaboram informações próprias ao longo da sua história e sob o reflexo das diferentes relações que estabelecem. Nesse processo, sua identidade se constrói, dando-lhe especificidade (ARAÚJO, 2008).

Assim, as respostas da segunda questão fechada: “Você teve medo de passar por esse processo de envelhecimento devido às degenerações físicas?”, resultou-se em 02 sim e 19 não.

Pelas falas analisadas, verificou-se que houve, e ainda há, na vida desse grupo, uma dedicada preparação psicológica para encarar esta fase, através de leituras, esclarecimentos de médicos, palestras, convívio e diálogo com pessoas mais velhas e até mesmo passando por momentos difíceis como problemas sérios de saúde:

Já tive um AVC, o que me fez pensar muito na vida e a fazê-la valer a pena nesta idade mais do que nunca (Sra. J, 73 anos)

Minha mãe morou comigo e eu sempre dizia para ela que tinha que aceitar esse processo, são as conseqüências da vida, assim fui me conscientizando do que eu poderia passar quando chegasse aqui (Sra. I, 63 anos).

Segundo Debert (1999 apud VALÉRIO, 2001), a responsabilidade pelo envelhecimento bem sucedido é do próprio indivíduo, ou seja, se a pessoa se cuidar, se envolver em atividades motivadoras, se aceitar, é possível envelhecer sem tanta decadência física, e também, de uma intensa ação social em prol desse processo de envelhecimento. Basta então aderir a estilos de vida saudável tanto na parte física quanto na psicológica, como mostra o Sr. A: “*Me cuido, sempre fiz atividade física e li muito sobre o assunto, me preparei e tenho orgulho de estar indo para frente, estou vivendo*”.

Com isso, esses idosos foram aprendendo a enfrentar as degenerações de uma forma positiva, levando a velhice como uma etapa da vida em que, apesar de haver limitações, assim como em qualquer outra, se conquista um valor de existência que ensina superar qualquer dificuldade ou medo. Portanto, como afirmam Coutinho *et al.*, (2008) não se deve considerar apenas o envelhecimento biológico, mas os aspectos subjetivos e sociais que participam desse processo.

A serenidade ideal para a velhice não deverá ser entendida então como uma passividade vazia de sentido, um estar em “suspensão”, “à espera”. Mas sim como um estar ativo, apaixonado; porém, à busca de objetos possíveis, que suportem as provas de realidade, e que ofereçam poucas possibilidades de frustração (GOLDFARB, 1998).

Os únicos “medos” apontados por alguns deles para o futuro, são da solidão, da dependência e da morte, como expressa a Sra. M: “[...] *eu quero alguém do meu lado, tenho medo da solidão na velhice*”, e a Sra. J: “*A única coisa que tenho medo é de ficar inválida e depender dos outros*”. Mas, destacam que já estão trabalhando em cima destas questões. Para Araujo (2008), interpretar a realidade a partir do seu conhecimento, por permitir que eles a relacionem com fatos e situações que já avaliam, sendo capazes de conformar novas percepções e formas de agir quando depararem com novas situações e relações sociais.

Entretanto, os dois que responderam que tiveram medo atribuíram este sentimento ao fato de não haver se preparado o suficiente e achar que só acontecia com

os outros, o que é confirmado por Debert (1999 apud Fernandes, 2010) ao dizer que os idosos reconhecem que a velhice existe, mas não é aquilo que esta neles. “Velho é sempre o outro”. Mas, não por sentirem os anos passando e sim porque relacionavam a velhice com a doença: “*Senti medo de envelhecer, a gente acha que só acontece com os outros, daí quando ela chega vem junto o fantasma da doença [...]*” (Sr. E, 60 anos). Porém, vencer o medo e lutar contra a doença que surgiu em seu corpo, o levou a aprender viver diferente passando a olhar mais para ele mesmo. A aceitação da velhice não como um sentimento, mas como uma etapa da vida, implica em um reposicionamento de seus valores, implica em um voltar-se para dentro de si mesmo (BLESSMANN, 2004).

Associa-se sempre à pessoa que envelhece a ideia de decadência física, psíquica e social, configurando-se uma fase de perdas que se sobrepõe aos ganhos, como sabedoria, experiência e liberdade. A fase do envelhecimento é marcada por muitas mudanças para o sujeito que a vive. Ela é vista pela sociedade como um momento de declínio, apontando os problemas inerentes a este processo. Segundo Blessmann (2004) é na velhice que se concentra o momento mais dramático de mudança de imagem corporal, porque é difícil aceitar uma imagem envelhecida em uma sociedade que tem como referência a beleza da juventude.

Devido a essa representação imposta pela sociedade, foi feito para os idosos a seguinte pergunta: “O que você vê e sente quando se olha no espelho?”.

Todos responderam que enxergam a velhice e suas marcas, como as rugas, o cabelo e bigode brancos, a pele flácida, as manchas, enfim, as decadências e transformações causadas pelo passar dos anos são vistas e sentidas, mas não são capazes de abalar nem de derrubar aqueles que se orgulham tanto de viver a velhice:

Noto os sinais, as rugas, o cabelo branco, enfim, as marcas que fazem parte dessa fase. Sinto-me bem, não me lamento por estar ficando velho, isso é natural do ser humano. [...] me cuido para me manter em atividade e prolongar minha vida o quanto mais, porque a vida é bonita (Sr. A, 71 anos).

Como função identitária, elas definem a identidade e permitem a proteção da especificidade dos grupos, salvaguardando a imagem positiva dos mesmos (PATRIOTA, 2010).

O que mostra uma grande relação cultural em torno dessa questão, pois para estes idosos tem mais importância os valores pessoais, morais, comportamentais e

cívicos do ser humano que se insere em um corpo. E é diante do espelho que eles fazem reflexões de si mesmos e encontram as respostas para sua condição física sem medo de encará-la, buscando sempre o bem estar no corpo que se vêem. O que é classificado por Goldfarb, 1998 como o “velho reminescente” que é aquele que se refere as suas lembranças e a si mesmo com certo orgulho e felicidade. Tendo conseguido levar uma vida rica em prazeres, produtiva e apaixonada. São estes que envelhecem serenamente:

Eu vejo rugas, decadência física e sinto que minha pessoa pode ser muito bela em termos de transmitir beleza pelo que é e não pelo físico [...] (Sra. E, 64 anos).

[...] Sinto-me otimista e feliz, estou satisfeita. Nunca vou me olhar no espelho e me queixar (Sra. T, 68 anos).

Entretanto existem pessoas que experienciam problemas na relação com o próprio corpo como transtornos de autoimagem e autoestima que podem ser provocados por problemas criados na vida das pessoas pelos mitos e exigências dessa cultura do corpo, por isso sofrem com a falta de unidade e integração. Fernandes (2010) expõe que as marcas corporais produzidas pela ação do tempo podem ser atenuadas diante da expressão de uma competência comportamental que lhes permita transitar como velhos, porém com sua autonomia preservada e com maior aceitação social. O que se confirma na fala do Sr. V: *Me olho e fico me analisando e percebo que meu corpo, meu semblante, meu ânimo, minha coragem e minha vontade, apesar da idade, ainda podem contribuir muito comigo e com a comunidade [...].*

Pensar em maneiras de potencializar as qualidades do corpo idoso, favorecendo sua autonomia, é uma alternativa menos arrogante e autoritária do que transformá-los em outra coisa, que não sejam eles mesmos. Medrado (1996 apud Pizzolato, S/D), escreve que compreender a Representação Social da velhice é apreender as imagens e os significados atribuídos a essa etapa do desenvolvimento e às conseqüências dessas representações sobre a identidade dos idosos; enfim, é compreender o seu espaço no meio em que está inserido.

Observam-se, em algumas falas, a importância e os cuidados que eles dão a aparência quando se olham no espelho: *“Só não gosto de ver meu cabelo branco, pois reflete na minha autoestima, então cuido da minha aparência” (Sra. M, 61 anos), e também, as limitações, como forma de transparecer sua autoestima e sua representação*

social e familiar, aceitando suas mudanças físicas e buscando contorná-las. Segundo Goldfarb (1998), ante a perda de objetos significativos e o aumento das dificuldades da vida quotidiana, especialmente aquelas referidas às limitações físicas funcionais, os idosos experimentam um aumento da necessidade de bem estar, o que pode ser observado através da recorrência de manifestações narcísicas:

Se vejo que minha barriga esta crescendo procuro me cuidar na alimentação e fazer mais exercícios, afinal, ainda sou professor de Ed. Física e tenho que dar o exemplo (Sr. C, 60 anos).

Para muitos, estar velho é estar cansado, fora de moda, fora de forma, fora dos padrões que regem na atualidade. Portanto, envelhecer é uma arte nesta sociedade. Entretanto, todos envelhecem, não requer talento nem habilidade para isso. O importante é amadurecer, encontrando sempre a oportunidade na mudança. Para Spirduso (2005 apud Brito, 2010) a autoestima está baseada na combinação da competência física, consciência corporal, autoeficácia e autoaceitação:

Eu me vejo como velha e sinto que tenho que cuidar mais da aparência para melhorar minha autoestima, sinto que preciso tirar um tempo para mim, [...], preciso me valorizar e mostrar meu valor social. Hoje os idosos não são mais produtos descartáveis como eram uma vez, hoje somos mais ativos e participativos, aposentado não é morto (Sra. V, 66 anos).

Vejo que já passei dos 60 e agradeço a Deus. Sinto uma responsabilidade muito grande, meus netos estão aí e eu não posso abandonar minha vida, luto com afinco para vencer as barreiras, por eles. [...]. Faço valer a pena mesmo com minhas limitações e procuro levar isso para minhas colegas de grupo como um incentivo de vida (Sra. N, 65 anos).

Assim, não basta olhar os velhos em sociedade para descobrir-lhes as marcas cronológicas; é preciso um olhar que lhes descubra as propriedades, vale dizer, a alma (GUSMÃO, 2001). Refletir, portanto, sobre a ética corporal do idoso, é procurar uma maneira de trazer a tolerância e o respeito como princípios básicos de uma convivência social mais humana.

O corpo que se busca ter nos dias de hoje é como imagem de perfeição incitando ao narcisismo e submetendo-o como atrativo de consumo. O mito da eterna juventude,

no limite, tende a produzir corpos sem história, dos quais se tenta apagar todas as marcas do passado ou impedir que elas apareçam. Segundo Alvarenga, 2008, uma série de estratégias, como, cirurgias plásticas, fármacos, dentre outras tecnologias estão sendo colocadas em ação para não permitir que o processo do envelhecimento avance.

Vemos hoje a intensa busca pelo corpo perfeito, uma verdadeira “epidemia” social onde perpetua o ser belo. O culto ao corpo, principalmente com a preocupação de estar em forma e não envelhecer chega a ser uma verdadeira obsessão, gerando, de certa forma, uma tirania moderna (Palomino, 2002 apud LUDÖRF, 2008).

A perspectiva de compreensão do corpo contemporâneo aponta como objetivo principal retomar as características físicas básicas do homem e da mulher, conforme os padrões ditados pela mídia ou melhor aceitos pela sociedade (LUDÖRF, 2008). Assim, fomentada pela mídia que tem na publicidade sua grande aliada e disseminadora, a idéia de um corpo manipulável, sujeito a uma composição, ganha uma característica gloriosa.

Com isso, os entrevistados se colocam diante de uma questão que enfatiza a modernização de pensamentos e atitudes do ser humano em relação a seus corpos, através da pergunta: “O que você pensa sobre a tirania da sociedade moderna que cultua a perfeição e beleza dos corpos masculinos e femininos?”

Para os entrevistados as modificações estéticas feitas no corpo, como cirurgias plásticas, ou qualquer outro tipo de intervenções, que tem o intuito puramente de vaidade e de evitar o envelhecimento são algo supérfluo, que descaracteriza e desvaloriza o ser humano, desviando-o de sua evolução espiritual, social, cultural e humana. De acordo com Blessmann (2004) o apelo à imagem nos afasta da compreensão da unidade do ser humano, equivale a pensar o corpo como objeto a ser moldado, como algo fora de si.

As perspectivas para o futuro apontam de um lado, a valorização do jovem/juventude e a repulsa ao declínio do corpo e, de outro, a recusa da morte e o desejo de prolongar a vida (PRADO, 2002). Porém, para estes idosos a natureza do corpo deve ser mantida e aceita em qualquer idade, sem frustrações ou dependências de padrões de beleza para inserção na sociedade:

Acho muito agressiva no consciente e inconsciente das pessoas, porque elas acabam moldando suas vidas em cima dessa “pseudotirania” que as cercam, e pensam que só assim se inserem na sociedade [...]. Tanto pode se sentir bem

uma pessoa de corpo, cabelo, rosto e pele, bonitos, quanto à pessoa baixa, gorda, enrugada, porque não? (Sr. J, 61 anos).

O modernismo e sua materialização estão muito estampados na mente das pessoas, onde o corpo tem que ser perfeito e isso não trás cultura nem sabedoria (Sra. M, 68 anos).

[...] Não adianta ficar espichando pele daqui e dali, porque a velhice chega para todo mundo [...]. As marcas e expressões é uma evolução do tempo para cada ser humano (Sra. C, 67 anos).

Ser velho tornou-se uma condição a qual não se quer assumir. Ser jovem e manter-se jovem, esta, sim, é a condição proclamada pela sociedade (WAGNER, 2009). Dessa forma, perde-se o reconhecimento de corpo no que diz respeito à sua capacidade própria, intelectual, criativa e social quando, diante da ditadura da imagem, parece tornar-se, cada vez mais, passível de manipulação, um corpo mecânico, desvalorizado em suas características sociais e humanas. Nesse sentido, para Goldenberg (2008), além de um capital físico, o corpo é um capital simbólico, um capital econômico e um capital social.

No entanto, a felicidade idealizada, pautada na busca da perfeição, se transforma em fonte permanente de angústia, pois estabelece como referência modelos de corpos, comportamentos e ideias padronizadas, desvalorizando e desqualificando as relações humano-sociais, descartando as questões morais que as envolvem, tais como o respeito, a tolerância, a troca e a diversidade. Conforme diz o Sr. A: *“Essa busca por esses valores superficiais estão se sobrepondo a busca de outros tantos mais ricos, éticos e morais.* E assim, se detendo somente na obsessão pelo corpo perfeito, vai ficando para trás as vivências importantes para a evolução do ser humano. De acordo com Iwanowicz (1989), se produz uma imagem corporal imitando os outros, e não desenvolvendo a própria experiência:

[...] As meninas que vivem em esteticistas e homens que vivem em academias com a única finalidade de se mostrar mais belos aos olhos dos outros, estão deixando pra trás os valores do amadurecimento pessoal (Sra. E, 80 anos).

[...] É uma coisa muito supérflua e exagerada se preocupar com imperfeições corporais [...]. Conheço mulheres que só se preocupam com a estética e não são

felizes com a família, já ouvi homem se queixando de sua mulher por isso. [...] Pensar só no corpo leva ao vazio da pessoa (Sra. M, 61 anos).

De acordo com os idosos, esse culto a perfeição e beleza do exterior não levam a nada e geram valores falsos, é apenas uma jogada da mídia para vender produtos e imagens, e quem a segue acaba mostrando o caos pessoal e social que se encontra hoje. Dessa forma, a dimensão do corpo contemporâneo, denominada de *corpo design*, retrata a transformação do corpo em relação à moda imposta pela mídia e seguida pela sociedade (Lüdorf, 2004 apud LUDÖRF, 2008):

Essa apelação pelo corpo perfeito é uma imagem vendida pela mídia, isso leva as pessoas para caminhos que vão contra a evolução do ser humano. Não existe um padrão de corpo, todos são perfeitos quando dado a ele o devido valor (Sr. C, 60 anos).

A mídia leva só ao consumo, por conveniência para vender, ela manuseia as pessoas como quer e isso gera muitos riscos para aqueles que não sabem se controlar (Sra. V, 66 anos).

Eles destacam, também, que cada pessoa tem seu valor e ele se encontra em gestos de caridade, generosidade, bondade, entre outros, e que esses valores se encontram por dentro, no coração e na mente e quando se aprende a gastar seu tempo de vida para formá-los e colocá-los em prática todo ser humano fica mais bonito e conseqüentemente mais feliz:

No meu ver o que atrai mais em uma pessoa, o que a deixa mais bonita é o ato da caridade, a simpatia, o coração, é ajudar o próximo. Ela pode fazer um nariz bonito, mas se tem coisas ruins no coração ela não é saudável e nem feliz (Sra. T, 68 anos).

A pessoa pode estar em forma fisicamente, bem arrumada e por dentro ninguém vê o que tem de bom se ela não se preocupar em mostrar e agir com seus sentimentos (Sr. A, 67 anos).

Alguns não têm nada contra as intervenções e dedicações ao corpo, para eles se a pessoa vai se gostar mais fazendo isso então não tem problema. Também disseram que concordam com as pessoas quererem cuidar de seus corpos para ficarem mais bonitas,

mas se for de uma forma saudável, sem passar dos limites, sem perder sua essência e não se tornarem escravas de padrões estéticos que podem levar a doenças físicas e psicológicas. Como dito pela Sra. V: “*É importante que a pessoa se cuide fisicamente, mas o exagero e a obsessão prejudicam a própria saúde causando problemas físicos e transtornos emocionais [...]*”. Todo esse interesse pelo corpo perfeito e inatingível, que homens e mulheres buscam, pode deixar de ser um interesse normal para tornar-se um quadro patológico capaz de assolar uma vida inteira (FERREIRA *et al.*, 2008). Porém, um ponto de vista considera que os limites do corpo devem ser respeitados e entende que investimentos na preservação da vida de forma mais sintonizada com a natureza possibilitarão realizações para a humanidade (PRADO, 2002):

O culto da beleza é um sacrifício do corpo, podendo até levar a doença, [...]. se cuidar para ser saudável e prevenir patologias, tudo bem. Acho que o culto à perfeição do corpo leva ao sofrimento do ser, descaracteriza os valores dos homens e mulheres perante a sociedade (Sr. E, 60 anos).

[...] As pessoas têm que se cuidar sim, mas não se escravizar, essa tirania impõe valores falsos. Todos devem aprender a aceitar e lidar com seu próprio corpo e não se prejudicar achando que estão agradando (Sra. N, 62 anos).

Dentro desta lógica de representação de corpo envolvendo o envelhecimento, buscou-se questionar os idosos sobre uma visão de gênero, quando feita a seguinte pergunta: “Percebe diferença no gênero oposto em relação ao comportamento, pensamento e vivência com o corpo envelhecido? Por quê?”.

Conforme Scott (1995), o termo “gênero” indica “construções culturais”, a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. Para Patriota (2010), toda representação é construída na relação do sujeito com o objeto representado, não é mero reflexo do mundo externo na mente, ela vai além do trabalho individual do psiquismo, emerge como um fenômeno colocado ao social.

Portanto, evidencia-se que meninos e meninas crescem, comportando-se de acordo com os padrões socioculturais e históricos do meio onde são educados (FERREIRA *et al.*, 2008). Com isso, tem-se claro que a relação de gênero é bastante

acentuada culturalmente, onde homens e mulheres exercem papéis distintos e bem marcados, perante as construções impostas e mediadas pela sociedade.

Ao analisar os discursos, verificou-se que todos os entrevistados responderam que há diferenças entre o homem e a mulher na velhice: [...] *A mulher se prepara melhor, se previne o homem não aceita as perdas físicas e não se prepara para isso [...]* (Sra. E, 80 anos). A imagem corporal da velhice é representada pelo declínio físico e visível, e a dificuldade em aceitar este fato induz a existência de um eu visível, que envelhece, e um eu invisível, que se mantém jovem (BLESSMANN, 2004), como salienta a Sra. E: “[...] *Ele é sempre jovem, dificilmente se ouve um homem falar “ai como estou ficando velho” ou, “como minhas expressões faciais e meu porte físico mudaram”, já a mulher se vê e aceita”*.”

Entre as diferenças apontadas se destaca a melhor aceitação da velhice pela mulher, a sua constante busca por novos valores e a maior dedicação dela em cuidar do corpo, da aparência, da saúde, do convívio, da alimentação e do bem estar, por ser de natureza mais vaidosa do que o homem, também, porque pensa e se prepara melhor para viver essa fase da vida e por carregar um intenso valor cultural e sentimental. Para o Sr. A: “[...] *A carga cultural trás mais valores para as mulheres o que as levam a se cuidarem mais que aos homens. Eles bebem mais, fumam, elas buscam os prazeres da vida eles não dão valor a isso, eles se isolam entre eles e ignoram muita coisa*”. As mulheres consideram essa idade como aquela em que a experiência é seu atributo principal ou aquela que oferece uma oportunidade para elas desfrutarem esse tempo de vida de forma liberta e mais positiva, pois já venceram o processo de subordinação (FERNANDES, 2010).

Enquanto o homem se acomoda, se desleixa, se desestimula, se isola não aceita, se torna relapso e despreocupado, por perder a convivência social e a condição de trabalhador quando se aposenta, achando que não tem mais utilidade por estar envelhecendo, e por isso, estão sempre buscando algo para fazer, assim, não param para pensar e sentir a velhice e suas marcas. Segundo, Fernandes, 2010, para os homens, a velhice esta ligada a aposentadoria que os desvincula do exercício de seu papel social no sistema produtivo e a doença.

A idéia de que a beleza está para o feminino assim como a força está para o masculino atravessa os séculos e as culturas (FERREIRA *et al.*, (2008):

[...] A mulher se gosta mais, aceita as modificações do corpo, ela por natureza é mais vaidosa, cuida mais da aparência do que o homem [...] (Sr. E, 60 anos).

[...] A mulher cuida mais da saúde já os homens querem distância de médicos porque tem medo ou pensam que doença é coisa de velho e quando aparece alguma doença eles se entregam mais fácil que à mulher e entram em depressão logo (Sra. M, 61 anos).

Gostaria que meu marido participa-se do grupo de terceira idade, mas ele não vai porque não quer deixar de trabalhar em casa, ele se sente mais útil assim. [...], porém, os homens deveriam achar tempo para si, pois também envelhecem como as mulheres (Sra. V, 66 anos).

Entretanto, alguns colocam que há exceções e que já se vê por aí homens velhos se cuidando mais, embora a maioria fique só na questão da aparência com a intenção de aparentarem mais novos do que são tentando, com isso, negar a sua velhice. Outros só reagem por muita insistência de suas esposas. Le Breton (2001 apud LUÖRF,2008), aponta que modificações vêm ocorrendo nos tradicionais padrões masculinos e femininos, sejam na família, no trabalho ou em relações ao próprio corpo:

[...] Até tem homens que são vaidosos, meu marido, por exemplo, pinta os cabelos e bigode porque quer esconder a velhice e parecer mais novo (Sra. N, 65 anos).

[...] Os homens são mais acomodados, mas tem alguns que até são vaidosos. Meu marido para ir até a esquina se troca de roupa, calçado, passa perfume (Sra. M, 72 anos).

A mulher se cuida mais, o homem é mais desleixado, se não tem uma mulher cobrando do lado a gente nem liga para a aparência e nem pra nada [...] (Sr. A, 67 anos).

Outra diferença relatada pelas mulheres em relação aos homens é o lado sexual e a excessiva preocupação deles com a perda da virilidade associada à velhice, e a grande dificuldade que eles têm de admitir que limitações vão surgindo em seu corpo nesse lado também: “O homem tem muita preocupação com a virilidade na velhice, [...] quando conversam sobre isso entre eles, são sempre os bons, um se acha melhor que o

outro. Eles não admitem que dificuldades com o sexo acontecem, e isso os afeta muito (Sra. E, 64 anos).

De acordo com Tavares *et al.*, (2011), as alterações nos níveis físicos, biológico, psicológico e sociocultural são determinantes no comportamento da sexualidade de homens e mulheres. Entretanto, para o homem essa preocupação com a sexualidade esta totalmente ligada aos estereótipos masculinos construídos pela sociedade. O que é afirmado por Teixeira (2000): “A cultura se encarregou de difundir que o homem tem que ser forte, tem que ter sucesso, precisa ser corajoso e associou a masculinidade à potência sexual”.

Contudo, para as idosas, se eles conversassem abertamente sobre sexo com elas, entenderiam que elas também têm perdas, e assim, poderiam buscar soluções juntos:

[...] Em relação ao sexo o homem é muito orgulhoso, a mulher aceita que esta diminuindo a libido ele não, mas não entendem que uma boa conversa resolveria muita coisa [...] (Sra. T, 68 anos).

[...] No lado sexual eles querem estar sempre como quando eram novos, só que eles deveriam aceitar que certos problemas acontecem e que a mulher também muda, então não tem porque se preocupar tanto [...] (Sra. M, 61 anos).

Fatores demográficos, de saúde e funcionalidade física fazem a diferença no processo de envelhecimento de homens e mulheres. Papéis sociais, valores e atitudes considerados tipicamente masculinos ou femininos, se transformam em algo radicalmente diferente entre os gêneros. Segundo Chodorow (apud SCOTT, 1995) “O sentido feminino do eu é fundamentalmente ligado ao mundo, o sentido masculino do eu é fundamentalmente separado”.

Observa-se, então, que gênero não representa somente uma diferença de sexo, mas também a diferença de pensamentos, representações, atitudes, vivências, organização em sociedade, em família e em vida pessoal, entre muitas outras questões que regem os seres humanos. Para Patriota (2010), a função justificadora permite as justificativas das tomadas de posição e dos comportamentos por parte dos sujeitos, assim como a manutenção ou reforço dos comportamentos de diferenciação social assumidos pelos grupos sociais ou pelos indivíduos.

5. CONCLUSÃO

Temos a visível noção de que o corpo é socialmente e culturalmente constituído. Com isso, ao analisar a representação social do corpo, conclui-se que há várias estruturas sociais, onde cada uma atribui ao corpo humano um sentido particular e este pode não ser o mesmo para as diferentes sociedades que carregam culturas diferentes.

Cada corpo expressa a história acumulada de uma sociedade que nele marca seus valores, suas leis, suas crenças e seus sentimentos, que estão na base da vida social, construindo assim visões e vivências positivas ou negativas.

O que é muito bem representado pelos idosos entrevistados, que prezam muito mais pelo bom convívio entre as pessoas, os valores morais e os bons costumes, vindo de uma cultura que respeita esses valores trazendo consigo o conhecimento da vida muito além de um corpo inerte ao capitalismo social e seu culto a juventude eterna e a beleza. Apresentando, assim, uma vivência positiva de seus corpos na velhice.

Contudo, observou-se que os idosos apontaram que há uma diferença de gênero em relação a suas vivências na velhice. Essas oposições de perfis se dão em relação a comportamentos sociais, pessoais, psicológicos, etc., mas a maior ênfase se dá na questão do comportamento do corpo perante o curso de vida, tendo em vista suas atitudes e representações, principalmente no processo de envelhecimento.

No contexto de velhice e corpo, para as mulheres se destacam fatores como: liberdade, boas relações em grupo, cuidado com a saúde, bem estar, entre outros. Já para os homens os fatores que os regem são: manter-se sexualmente ativo e produtivo, física, mental e socialmente. As mulheres continuam mais expressivas e envolvidas do que os homens, por causa de fatores sociais e aprendizagem social.

Porém, ao analisar o conjunto das outras respostas, observa-se que as representações não diferem entre os gêneros, eles apresentam pensamentos, comentários, visões e sentimentos em comum. O que pode ser esclarecido pelo fato de terem feito parte de um mesmo convívio social como educadores e, portanto, expressarem o mesmo consenso ou por se tratar de uma forte influência cultural que dita padrões de comportamento masculino e feminino desde criança, que os fazem ter uma visão diferenciada de gênero.

Destaca-se, assim, que se deve refletir muito sobre esse enfoque dado ao comportamento de gênero no envelhecimento em relação ao corpo, sociedade e cultura,

pois a população de idosos está se tornando cada vez mais crescente e vem ganhando destaque nas diversas áreas do conhecimento.

Assim, corpo e tempo se entrecruzam produzindo múltiplas velhices influenciadas não só pela condição de gênero, mas também, pelos contextos sociais, culturais, espirituais, políticos e econômicos.

Portanto, buscar a responsabilidade individual, cultural, social e política conhecendo, compreendendo e respeitando a condição corporal suas possibilidades e limites, talvez seja uma forma de valorizar a vida humana em suas diferentes faixas etárias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA L. F. C. **“Flores de plástico não morrem...”: corpo, saúde, gênero e envelhecimento.** Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder. Florianópolis (SC), 2008. Disponível em:

http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST59/Luiz_Fernando_Calage_Alvarenga_59.pdf. Acesso em: 14 abr. 2010.

ARAUJO, M. C. de. **A teoria das representações sociais e a pesquisa antropológica.** Revista Hospitalidade. São Paulo, ano V, n. 2, p. 98-119, jul.- dez. 2008. Disponível em: rbtur.org.br/ojs/index.php/hospitalidade/article/download/155/180. Acesso: 20 de dez. 2012.

ARRUDA A. **Teoria das representações sociais e teorias de gênero.** Caderno de Pesquisa nº 117. São Paulo, 2002. Disponível: <http://www.scielo.br>.

BLESSMANN E. J. **Corporeidade e Envelhecimento: O Significado do Corpo na Velhice.** Revista Envelhecer. Porto Alegre, v. 6, p. 21-39, 2004. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/viewFile/4737/2661>. Acesso em: 13 mai. 2010.

BRUHNS H. T. (Org.). **Conversando sobre o corpo.** Campinas, SP, 3ª ed.: Papirus, 1989.

BRITO B. K. R. **Construção da consciência corporal na terceira idade.** Revista Digital. Buenos Aires, v. 14, n. 141, fev. 2010. Disponível em: <http://www.efdeports.com>. Acesso em: 16 mai. 2012.

COUTINHO R. X.; ACOSTA M. A. de F. **Ambientes Masculinos da Terceira Idade.** Revista Ciência e Saúde Coletiva, v. 14, n. 4, p. 1111-1118, jul/ago. 2009.

DELGADO J. **Velhice, corpo e narrativa.** Revista Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, v. 16, n. 34, jul/dez. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832010000200009&script=sci_arttext. Acesso em: 20 de dez. 2012.

FERNANDES M. das G. M. **O Sentido da Velhice para Homens e Mulheres Idosos.** Revista Saúde Sociedade. São Paulo, v.19, n.4, p.771-783, 2010.

FERREIRA M. E. C.; BAUMEL R. C. R.; GOMES G. A busca frenética pelo corpo “ideal”. *In:* ROMERO, E. ; PEREIRA, E. G. B. **Universo do Corpo: Masculinidade e Feminilidade.** Rio de Janeiro: SHAPE, 2008.

GOLDANI, A. M. Mulheres e envelhecimento: desafios para novos contratos intergeracionais e de gênero. *In:* CAMARANO, A. M. (Org) **Muito Além dos Sessenta. Os Novos Idosos Brasileiros.** Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Ampliada, 1999.

GOLDENBERG, M. **Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade.** Rio de Janeiro: Record, 2008.

GOLDFARB. D. C. **Corpo, Tempo e Envelhecimento.** Dissertação de mestrado. Programa de Psicologia Pública da PUC – SP, 1998.

GUSMÃO N. M. M. de. A maturidade e a velhice: Um olhar antropológico. *In:* NERI A. L. **Desenvolvimento e envelhecimento: Perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas.** Campinas, SP: Papirus, 2001.

IWANOWICZ, B. **Conversando sobre o corpo.** Campinas, SP, 3ª ed.: Papirus, 1989.

KOPES, S. **Conversando sobre o corpo.** Campinas, SP, 3ª ed.: Papirus, 1989.

LOURO, G. L. **Prendas e Antiprendas.** Porto Alegre, RS, 1º ed. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 1987.

LUDÖRF S. M. A. refletindo sobre o corpo *design* e a formação de professores de Educação física: por uma educação sociocorporal. In: ROMERO, E. ; PEREIRA, E. G. B. **Universo do Corpo: Masculinidade e Feminilidade**. Rio de Janeiro: SHAPE, 2008.

LIMA M. A. V. P. **Corporeidade e Envelhecimento: As Diversas Faces do Corpo quando Envelhece**. S/D. Disponível em: http://www.univag.com.br/adm_univag/Modulos/Connectionline/Downloads/art046.pdf. Acesso em: 13 mai. 2010.

MOTTA A. B. da. Envelhecimento e Sentimento do Corpo. In: MINAYO, M. C. de S. (Org) **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002.

MOTTA A. B. da. **As Dimensões de Gênero e Classe Social na Análise do Envelhecimento**. Cadernos Pagu (13): 191-221. 1999. Disponível em: <http://www.pagu.unicamp.br/files/cadpagu/cad13/n13a07.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2010.

PATRIOTAL. M. **Teoria das Representações Sociais: Contribuição para a apreensão da realidade**. Jan 2010. Disponível em: http://www.ssrevista.uel.br/c-v10n1_lucia.htm.

PIZZOLATO A. C.; FRANÇA D. O.; SALSZBRUN J.; GANASSOLI R. **Representação Social do Processo de Envelhecer: Uma visão dos acadêmicos de enfermagem**. S/D. Disponível em: <http://www.abennacional.org.br/2SITE/Arquivos/N.107.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2012.

PRADO S. D. **O Curso da Vida, o Envelhecimento Humano e o Futuro**. Textos Envelhecimento v.4, n.8. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: http://www.unati.uerj.br/tse/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-59282002000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 17 abr. 2010.

SCOTT J. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade**. UFRGS, V. 20, nº2, 1995.

SPIRDUSO, W. W. **Dimensões físicas do envelhecimento**. Barueri, SP: Manole, 2005.

TAVARES M. M. S.; CARVALHO V. S. **Estudo Bibliográfico Sobre a Sexualidade do Idoso na Contemporaneidade**. 2011. Disponível em: <http://artigos.psicologado.com>. Acesso em: 02 de fev. de 2013.

TEIXEIRA F.; MELRO L. **SEXUALIDADE: A Arte de Saber Vivê-la**. Revista Partes, Ano I, n.6, 2000. Disponível em: http://www.partes.com.br/terceira_idade06.html. Acesso em: 02 de fev. de 2013.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: A pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VALÉRIO M. P. **A pouca adesão masculina nos grupos de atividade física para a terceira idade [dissertação]**: Santa Maria, RS: Universidade Federal de Santa Maria; 2001.

VELOZ M. C. T.; SCHULZE C. M. N.; CAMARGO B. V. **Representações sociais do envelhecimento**. Revista Psicologia: Reflexão e Crítica. Porto Alegre, vol.12, n.2, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102797-21999000200015&script=sci_arttext. Acessado em: 20 de dez. 2012.

WAGNER, REV. IRMO. **A Terceira Idade e Idosos na Cultura Pós-Moderna**. ULBRA, Guaíba, 2009. Disponível em: <http://guaiba.ulbra.tche.br/pesquisas/2009/artigos/pedagogia/seminario/543.pdf>. Acesso: 03 jun. 2010.